

“A língua que todos entende”: Masculinidades negras e discurso multimodal como percurso metodológico

Marco Túlio Câmara¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma sugestão de percurso metodológico que considere a multimodalidade como principal aporte teórico aliado às masculinidades, que, além de ser o tema de análise, também figura como critério analítico. Dessa forma, pretende-se apresentar uma proposta de metodologia que pode ser aplicado em diversos objetos de estudo similares ao que aqui se sugere. Essa metodologia foi aplicada em uma tese que analisou vídeos de uma série ligada ao projeto Creators for Change, do Youtube. O trabalho metodológico se baseia na relação que se estabelece entre os discursos multimodais aliados às representações das masculinidades negras, culminando na produção de sentido ativista.

Palavras-Chave: Masculinidades. Multimodalidade. Metodologia. Masculinidades Negras. Discurso.

“A language understood by all”: Black masculinities and multimodal discourse as a methodological pathway

ABSTRACT

The aim of this project is to propose a methodological approach that centers around multimodality as the primary theoretical framework, intertwined with the exploration of masculinities. Not only are masculinities the focal point of analysis, but they also serve as analytical subjects. Through this endeavor, my goal is to introduce a methodology that can be adapted to various similar research subjects. This methodology was employed in a thesis examining videos associated with the Creators for Change project on YouTube. The methodological approach hinges on the interplay between multimodal discourses and representations of black masculinities, ultimately resulting in the construction of activist narratives.

Keywords: Masculinities. Multimodality. Methodology. Black Masculinities. Discourse.

"El idioma que todos entienden": Masculinidades negras y discurso multimodal como camino metodológico

RESUMEN

El propósito de este trabajo es presentar una sugerencia para un enfoque metodológico que tome en consideración la multimodalidad como el principal marco teórico, combinado con el estudio de las masculinidades, las cuales no solo son objeto de análisis, sino que también sirven como

¹ Universidade Federal do Tocantins marco.camara@uft.edu.br

critérios analíticos. De esta manera, nuestra intención es presentar una propuesta metodológica que pueda ser aplicada a diferentes objetos de estudio, similar a lo que se sugiere aquí. Esta metodología fue utilizada en una tesis que analizó videos de una serie vinculada al proyecto Creators for Change en YouTube. El trabajo metodológico se fundamenta en la relación establecida entre los discursos multimodales y las representaciones de las masculinidades negras, culminando en la producción de significado activista.

Palabras clave: Masculinidades. Multimodalidad. Metodología. Masculinidades Negras. Discurso.

Introdução

A virilidade e a seriedade são algumas das características que a sociedade espera que os homens expressem. No caso especificamente de homens negros, soam como fardos que se sentem na obrigação de carregar, dado o resgate histórico e representação do que esperam que sejam. Além da expressão verbal, existem outros modos de linguagem a fim de representar as masculinidades às quais fomos impostos e, por outro lado, que buscamos ressignificar e exercer. Esses diversos modos de linguagem se firmam como arcabouço teórico-metodológico deste trabalho, a fim de identificar como essas construções do que é ser homem perpassam pela linguagem.

O presente artigo é um recorte metodológico de uma tese de doutorado que versou sobre a multimodalidade aliada aos estudos de masculinidades que promovem sentidos ativistas em vídeos no *YouTube* (Câmara, 2023). Como objeto de estudo, analisamos a série “#HomemNegro”, do canal Muro Pequeno. Tal objeto figurará, neste artigo, como uma aplicação da metodologia aqui proposta.

Assim, o objetivo deste trabalho é descrever esse caminho metodológico na intersecção entre os estudos e representações das masculinidades negras e o discurso multimodal. A metodologia aqui sugerida toma como base os estudos e questões raciais como fundamento teórico-metodológico, centralizado nessas questões. Comprovado em trabalho anterior, essa metodologia se demonstrou forte e capaz de guiar estudos sob o olhar afrodiaspórico.

1. Multimodalidade e masculinidades: contribuições teóricas que embasam a metodologia

Para realizar uma análise multimodal do discurso, devemos levar em consideração o contexto em que ele está inserido e suas interações, construindo significados. Produtos audiovisuais digitais são espaços complexos de discurso e são constituídos por diversos

elementos multimodais que permitem diferentes sentidos construídos e escolhas de ações múltiplas. Norris (2004) acredita que para realizar a análise desse material, pode-se utilizar a transcrição multimodal, considerando o signo, o significado e o significante, em uma aproximação semiótica.

A análise semiótica social do discurso político multimodal é composto por três etapas em *looping* (Machin e Van Leeuwen, 2016): a primeira se refere ao significante, a partir da evidência fornecida pelo objeto de análise, por exemplo, a partir das palavras utilizadas, as escolhas lexicais feitas para caracterizar determinados movimentos e grupos sociais; a segunda etapa foca no significado, abrindo a possibilidade de diversas interpretações, não necessariamente inteiramente subjetivas, já que dependem do potencial de significado e o contexto ao qual se inserem, ou seja, deve-se levar em consideração as condições de produção e veiculação daquele discurso para que seu conteúdo não seja usado de forma distorcida.

Já a terceira etapa da análise proposta por Machin e Van Leeuwen (2016) se refere ao significado mais amplo dos textos e dos recursos semióticos presentes neles, em um processo de significação ampliada com teorias sociais abstratas. Tal abordagem engloba as etapas anteriores e se relaciona diretamente com elas, pois prevê a multidisciplinaridade nos estudos e análises semióticas, levando em consideração os aspectos multimodais presentes no objeto, suas relações e possíveis desdobramentos. Essas análises integram diversos tipos de conhecimentos, como “um conhecimento da linguagem e de outros modos, de cultura e história e um conhecimento de teoria sociológica que nos ajuda a entender o papel do discurso multimodal na vida social” (Machin e Van Leeuwen, 2016, p. 254). Considerando toda a sua complexidade e relacionando-se com o significante já dado no discurso, os significados potenciais dos referidos discursos se relacionam com o contexto ao qual a comunicação se insere.

No sentido de análise multimodal, há padrões e regularidades nas aparições e representações dos personagens, que podem denotar o ponto de vista orientado do produtor do vídeo a partir do enquadramento e outros possíveis “jogos” permitidos pela filmagem e movimento de câmera, indicando outras perspectivas e orientando o olhar e atenção do espectador (Iedema, 2001). Inserido na perspectiva semiótica social, o autor leva em consideração, também, o contexto político e a crítica social do produto, não se reduzindo a uma simples produção audiovisual isenta, mas provocando e promovendo a

construção de significados a partir dos elementos sociossemióticos presentes no filme, defendendo que as representações de tais discursos “não se concentram nos signos, mas no significado social e nos processos” (Iedema, 2001, p. 187).

Nesse contexto, os produtos audiovisuais são representações da realidade, criando o próprio espaço-tempo de forma abstrata, considerando o intervalo entre a sua ocorrência, registro e veiculação. Assim, cria-se novas realidades e representações a partir de técnicas como a edição e continuidade, por exemplo. Essas produções são sequências narrativas com elementos que representam nossa realidade, materializada em um produto bidimensional, tornando-se a semiose da vida cotidiana.

É nessa seara que Norris (2004) estabelece alguns critérios de análise a partir da classificação dos múltiplos modos presentes em vídeos. Ela acredita que as ações que compõem produtos audiovisuais são fluidas e complexas, ou seja, ocorrem em conjunto que agrupam pequenas ações simples (enquanto elemento físico e unidade de análise), materializando-se em o que ela chama de “ação congelada”, enquanto mídia.

Norris propõe dez modos comunicativos, enquanto classificação e critérios de análise para vídeos, considerando seus aspectos multimodais, os quais adaptamos para elencar a seguir:

- i) Linguagem falada: geralmente é estruturada, alternada, mas também pode haver sobreposição de falas em um diálogo. Além dessa interação, há também variação no tom de voz e nas ênfases em determinadas palavras e temas aos quais o produtor quer chamar atenção ou destacar;
- ii) Proxêmica: é a distância entre pessoas dentro do vídeo ou entre objetos relevantes que compõem a narrativa, assim como entre participantes em diálogo no vídeo;
- iii) Postura: o modo como os participantes do vídeo se posicionam em uma dada interação, podendo ser classificada como uma postura “aberta” ou “fechada” para o diálogo e o posicionamento do outro;
- iv) Gestos: podem ser icônicos, metafóricos ou dêiticos, estabelecendo relações do mundo externo com o discurso, representando outros símbolos;

- v) Movimento de cabeça: quando a pessoa faz movimentos que indicam posicionamentos e outros significados (como “sim” e “não”, por exemplo);
- vi) Olhar: refere-se à organização, direção e intensidade do olhar, manifestando a interação entre os participantes da conversa, relação de subordinação, engajamento e envolvimento entre eles, sendo diretamente proporcional ao nível de interação que se observa;
- vii) Música: trilha sonora do vídeo, seja instrumental ou com voz;
- viii) Impressão: ferramentas de uso individual (objetos como caneta e papel) e os objetos impressos (jornais e revistas) e sua interação com as pessoas do vídeo;
- ix) Layout: interação com o ambiente, composição de fotografia aplicada ao espaço em que o vídeo foi gravado;
- x) Interconexão de modos: prevê que os modos são interdependentes uns dos outros e sua hierarquia varia de acordo com as situações específicas e análises empregadas.

Como consideramos os vídeos enquanto recortes da realidade e a relação do produto audiovisual digital com o ambiente *offline* e seu respectivo impacto social, todas as variáveis e elementos devem ser analisados em conjunto, a partir de uma ótica pessoal e interacional, relacionando-se à sociedade. As interações ali presentes e as peculiaridades só são possíveis e percebidas devido à construção da identidade desses participantes, que os levam a estar ali e compartilhar experiências e vivências, fazendo com que elas sejam mais do que tema dos vídeos, mas também das lutas e movimentos aos quais fazem parte e dão visibilidade.

Levando isso em consideração, a multimodalidade também é aliada na construção da masculinidade que esses homens experienciam. Mais do que conjunto metodológico, a relação entre os dois temas é de desenvolvimento mútuo, uma vez que os dois contribuem entre si de igual maneira para que construam a identidade própria e sua relação com a coletividade. Assim, as masculinidades se expressam e ganham vida a partir de elementos multimodais e essas características também formam os homens que as expressam. Dessa forma, discutir e analisar esses dois aspectos são indissociáveis.

Assim, ao refletir sobre as masculinidades negras, muitas perspectivas se empreendem, sobretudo representadas (e orientadas) pela heteronormatividade. Questões sociais e emotivas que perpassam a construção das masculinidades negras estão em discussão em vídeos e outras mídias como podcasts, textos e mídias tradicionais. Em sua maioria, a questão é apresentada sob um debate inicial acerca da virilidade masculina, que é muito imputada principalmente aos homens negros, a sexualidade e, relacionada a problemas político-sociais, ao encarceramento, racismo criminal e violência atribuída aos homens negros.

Nesse contexto, homens que não performam a masculinidade que é esperada tendem a ser tratados como mais femininos ou, ainda, relacionado à orientação sexual previamente estabelecida, mesmo que não seja sua realidade. Isso porque ocorre um processo de feminilização de homens que apresentam maior sensibilidade, cuidado e demonstram mais afeto e carinho entre outros homens (Bola, 2021).

Dessa maneira, discutir masculinidades é refletir sobre o papel do masculino na sociedade, enquanto posição social que ocupa, considerando, principalmente, as relações de poder que estão ali imbricadas. Assim como apontam alguns estudos feministas de gênero, os estudos sobre masculinidades devem considerar a evolução e transformação social pelas quais essas representações masculinas passam. Isso significa dizer que o que se tem como masculinidade atualmente é diferente do século passado, assim como também varia de acordo com a região e papéis sociais, de trabalho e de poder que essas figuras ocupam e operam.

É importante levar em consideração que essas relações de poder também estão presentes nessa pluralidade de representações masculinas, pois os gêneros se estabelecem a partir das relações sociais que envolvem a sociedade em suas diversas esferas, seja em locais de trabalho, de política ou no ambiente doméstico (Connell, 1995, p. 188). A autora reforça o contexto neoliberal de exploração de trabalho e como se porta em relação ao Estado, seja na figura de poder, seja na corporificação sexual, uma vez que é essa a representação imagética do que é ser masculino. Tal figura, apesar de parecer universalizante, não é unificada e padronizada, em um totalitarismo de gênero, mas sim uma hegemonia de gênero. Em outras palavras, podem existir diversos tipos de masculinidades dentro daquela considerada a hegemônica, assim como essas identidades podem coexistir em um único sujeito.

É nesse contexto conflitante que o homem busca se afastar do que representa o feminino, principalmente em relação à expressão de sentimentos e a considerada fragilidade. No entanto, seguindo o fluxo de mudanças pelas quais a masculinidade hegemônica passa de acordo com o tempo em que se vive, essa busca pelo sentimental e autorreconhecimento nas vivências dessas relações dialógicas e emocionais tem se configurado como parte dessa nova hegemonia masculina, como uma ‘masculinidade comedida’, inserida nas relações de poder econômico no contexto da burguesia, enquanto uma prática dela.

Nesse sentido, Connell (1995) destaca a hegemonia socioeconômica desse novo padrão, que segue sendo eurocentrado, focado no norte-global e, em cenários político-partidários, na transformação dessa masculinidade hegemônica progressista em masculinidade sensível, pautada na cor branca e na heteronormatividade. Esse contexto exclui, portanto, dinâmicas raciais nessa relação e busca por representação de masculinidades, o que é um grave problema quando se trata de relação de gêneros e, mais que isso, relações sociais como um todo. Considerar a raça como importante foco nesse debate é peça fundamental para este trabalho, além de se firmar como importante variável metodológica em nossos critérios de análise posteriormente apresentados.

2. Discursos multimodais em vídeos e suas produções de sentidos: caminho metodológico transdisciplinar e social

Considerando o vídeo enquanto um produto discursivo multimodal, levaremos em conta os diversos elementos que constituem o vídeo, tais como o cenário, a postura, a roupa, o texto, distribuição dos convidados, dentre outros modos analisados nos vídeos. Para tanto, utilizamos o site livre *Down Subs*², uma ferramenta para transcrição da legenda do vídeo do *YouTube* para termos acesso direto das falas; e a descrição manual do vídeo, em relação às cores e posicionamentos dos participantes deles, que serviu de base para nossa análise multimodal. Dessa forma, tivemos acesso a todo o conteúdo discursivo do vídeo, considerando os elementos multimodais e outras materialidades discursivas.

As masculinidades também se firmam como critério metodológico, principalmente em sua junção e complemento com a multimodalidade. Nesse contexto, um aspecto fundamental a ser considerado é em relação à performatividade esperada e

²Disponível em: <https://downsub.com/> Acesso em 15 de março de 2024.

exercida de homens negros, com foco no que se pode observar nos vídeos aqui representados. A performance da representação da masculinidade hegemônica, mais que critério de análise, é ponto de partida para a reflexão em como a linguagem multimodal e as masculinidades estão interligadas, visando à produção do sentido de perpetuar o que se tem de padronizado ou fomentar inovações e contra-hegemonias.

Para a construção do caminho metodológico aqui sugerido, é importante salientar a interconexão entre os modos de linguagem a serem analisados, uma vez que estamos diante de produtos complexos. Ademais, a produção de sentidos que esses vídeos buscam suscitar advém da interação entre os modos semióticos aqui apresentados e outros que a própria análise pode levantar.

A temática dos vídeos como um todo é a masculinidade negra, como o próprio nome da série indica (#HomensNegros). A referida série foi produzida para o projeto *Creators for Change*, iniciativa do próprio YouTube que selecionou canais de todo o mundo que produzissem conteúdos que promovessem discussões e mudanças sociais (Câmara, 2021). Em 2018, foram mais de 16 países representados no programa, incluindo, pela primeira vez, produtores brasileiros. Com o projeto, os criadores recebem apoio financeiro e assistência de produção do *YouTube*, além de atividades, *workshops* e conexões entre diversos produtores. Os embaixadores abordaram temas como discurso de ódio, xenofobia e, no caso brasileiro especificamente, a questão racial da comunidade negra no país.

Para o programa *Creators for Change*, Murilo, criador do canal Muro Pequeno, produziu uma série de cinco vídeos (publicados de 12 a 17/11/2018) com a temática central de masculinidades negras. Segundo ele, os vídeos podem ser “caminhos para repensar nossas masculinidades, empoderar nossas vozes e as histórias que a gente tem pra compartilhar” (Araújo, online). Tal afirmação coaduna nossos estudos sobre a importância da produção de conteúdos no ciberespaço como forma de empoderar e dar voz àqueles sujeitos que antes, nas mídias tradicionais, não encontravam espaço de expressão.

Ainda no vídeo de apresentação do projeto, ele defende que “mais do que uma conversa, é quase uma convocação para que homens negros se unam, troquem ideias, ocupem espaço e transformem as estruturas” (Araújo, online). Essa “transformação de estruturas” é o que acreditamos se aproximar do conceito de ativismo (Câmara, 2018) e

amparar nossa classificação desses vídeos como exemplos de Midiativismo, considerando o *YouTube* uma mídia específica inserida no ciberespaço.

O primeiro vídeo, “Onde estão os homens negros?” abre a série para abordar os espaços que esses homens ocupam na sociedade e na produção de conteúdo digital. Já o último, “Bichas pretas e a masculinidade”, retrata como vários homens negros performam suas masculinidades e como isso os afeta no convívio social e no processo formativo. Esses foram os vídeos escolhidos para a análise entendendo que a série produz uma narrativa audiovisual, em que o primeiro vídeo apresenta a temática e o último coroa sua análise. Ademais, ambos foram os vídeos mais assistidos da série, o que também indica mais um motivo para a escolha deles para análise a aplicação metodológica proposta neste artigo (Câmara, 2023).

2.1 Análise da multimodalidade e masculinidades

Sendo assim, chegamos ao ponto crucial deste artigo: a intersecção entre essas duas grandes áreas de estudo e aplicação enquanto reflexão do tema e produção de sentido que culmina no Midiativismo enquanto prática e fenômeno sobre o qual lançamos nosso olhar.

Para o conceituar e aplicar o Midiativismo, baseamos no conceito de ativismo (Jordan, 2002), que presume a solidariedade. As ações não visam o desenvolvimento de causas individuais, mas um sentimento altruísta pertencente a um grupo maior, que transcende necessidades pessoais. É nesse ponto que podem estar presentes a representatividade e a representação das masculinidades negras aqui debatidas.

Para se constituir como Midiativismo, o produto deve ter um propósito, um objetivo para o qual ele foi criado. A mudança social pretendida, mesmo que não esteja óbvia no processo de produção dos conteúdos como objetivo principal e único, deve perpassar os discursos que a compõem, além de ser observável na troca com os receptores, na construção de sentido dialógica. Ou seja, ainda que seja utópica a mudança de toda a sociedade, a produção que objetiva atingir outros sujeitos e/ou promover reflexões e discussões que, somadas e a longo prazo, podem visar a mudança social, pode ser considerada um exemplo de Midiativismo.

Assim, consideramos que tal fenômeno se ancora em cinco principais frentes (Braighi e Câmara, 2018): i) Conhecimento como fonte alternativa de conhecimentos

sociais; ii) Informação alternativa ao que se observa em mídias tradicionais; iii) Presença, no sentido de se inserir e demarcar em determinados debates; iv) Resistência no sentido ativista e combativa, transformando a causa em discurso; v) Defesa enquanto posicionamento sociopolítico e midiática, ao utilizar a mídia como arquivo e argumento da causa debatida.

Dessa forma, acreditamos que o entrecruzamento de linguagens e suas respectivas representações de masculinidades podem se firmar como práticas midiativistas, considerando as frentes acima apontadas. Portanto. Elencamos três bases analíticas como critérios que fundamentam e embasam nossas análises:

a) Voz e masculinidades

O tom de voz pode indicar sentimentos e representações que permeiam o imaginário social acerca da definição de gênero e sua performance. Portanto, esse critério visa analisar como essa alteração no tom de voz e no timbre próprio de cada pessoa pode se relacionar à expressão dessa masculinidade e o quanto isso impacta na produção de sentido sobre o tema e sua relação com o propósito ativista ao qual a série se propõe a debater e representar.

b) Roupas e representação das masculinidades negras

Ainda que este não seja um critério previamente estabelecido e fundamentado na literatura sobre linguagem multimodal, consideramos que a roupa é um meio de expressão de discurso, posicionamento e construção de identidade que são cruciais para a produção de sentido em vídeos, principalmente os produzidos especialmente com o intuito de debate e produção ativista. Assim, os vídeos da série (Figura 1) contam com vestuários que visam à demarcação de identidade e do homem negro, a sexualidade ali representada por meio das cores e acessórios, entre outros aspectos.

Figura 1 Frame dos vídeos analisados mostram as cores que compõem o produto audiovisual



Fonte: Reprodução/Youtube

c) Postura e masculinidades

Enquanto um modo de linguagem multimodal, a postura pode construir distintos significados a partir tanto da sua contextualização interna no vídeo quanto da sua representação social-discursiva. Como já apresentamos em estudos anteriores (Lima-Lopes e Câmara, 2019), esse é um modo que nos indica a relação com o espectador e com o tema a ser discutido no momento, produzindo sentidos que vão guiar sua representação e relação com o discurso e seus espectadores internos e externos. Assim, essas relações podem promover discussões e destaque de temas que são relevantes para a produção de sentido ativista, firmando-se como um dos modos de linguagem midiativista.

Para estabelecer melhor relação direta entre as análises dos vídeos e esses modos de linguagem acima definidos, definimos como critérios analíticos os seguintes subtópicos, que abrangem os critérios elencados:

- I. Aspectos multimodais (ocupação de espaços e visualidades não normativas) – neste tópico, diferenciado para cada especificidade temática do vídeo, pode-se abordar, principalmente, aspectos relativos ao cenário, aos elementos cênicos e à proxêmica, dialogando com o debate suscitado pelo tema apresentado;
- II. Vozes e representações das masculinidades (na busca de espaços e contra-hegemônicas) – também específico a cada vídeo, aqui, com base nos estudos sociosemióticos e de multimodalidade sobre o som, analisamos como as vozes e os referidos tons dos participantes se relacionam com as representatividades das masculinidades;
- III. Cores, roupa e a busca da representação e ancestralidade negras – nesse critério, o foco central é na caracterização e no vestuário dos participantes, relacionando como eles dialogam com a representação racial, também presente no discurso oral;
- IV. Postura, gestos e a imposição e sensibilidade de masculinidades negras – por fim, o último tópico analítico se debruça sobre a postura, o olhar e os gestos dos participantes, a fim de elencar como esses elementos multimodais dialogam e representam as masculinidades ali debatidas e representadas.

3. Olhares sobre a multimodalidade na construção de masculinidades midiativistas: exemplo de análise

Para este artigo, a fim de exemplificar a aplicabilidade da metodologia aqui proposta, escolhemos o vídeo que encerra a série, intitulado “Bichas pretas e masculinidade”³. Com quase 25 minutos de duração, o dono do canal recebe 11 convidados, todos produtores de conteúdo no *YouTube*, com o objetivo de discutir sobre a masculinidade negra na comunidade LGBT (figura 2).

³ O vídeo está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=v3_lmUNR02c

Figura 2: Participantes do vídeo #HomemNegro5



Fonte: Reprodução *YouTube*

O vídeo aborda os estereótipos e padrões racistas que ainda impactam diretamente a vida dessas pessoas que estão procurando mais espaços para divulguem suas vozes e ideias, como a própria plataforma. Assim, o vídeo produz uma ideia perpassada como mensagem temática ao final do vídeo: união e pertencimento. A seguir, abordaremos a análise do objeto de estudo a partir dos critérios analíticos anteriormente apresentados.

3.1 Aspectos multimodais e visualidades não normativas

Ainda que a base do cenário seja a mesma de outros vídeos da série, o cenário se diferencia a partir do acréscimo de elementos e possíveis significados que se relacionam com a temática abordada, conforme podemos observar na Figura 2. Apesar de sutil, a diferença no cenário é representativa. A base do cenário é a mesma, de tons terrosos com um elemento cênico central ao fundo, as três caixas pretas à frente de um pano preto. No entanto, para este vídeo, a diferença fundamental está nas laterais.

Dos dois lados, há uma estrutura que remete a um material de construção de um telhado de metal, na cor verde (no tom verde-limão, mais aproximado do amarelo), que ocupa as laterais quase em sua totalidade. Eles se destacam pela cor chamativa e por também contribuir para a centralidade do vídeo, em um encontro de vetores a partir da leitura do cenário como um quadro estático em que as informações repetidas nas laterais estão como dadas e que se complementam, levando a ordem de leitura para o centro do

vídeo, onde se encontra a informação central (Barbosa, 2022). Ademais, essa estrutura imagética centralizadora também concentra os participantes em um espaço aparentemente menor, não totalizante de todo o espaço disponível para a gravação e abrangente pela câmera aberta.

A cor escolhida não é em vão. O vídeo tem foco na comunidade LGBT, especificamente Gay e Bissexual, de homens cisgêneros, que se identificam com o gênero que nasceram. Essa comunidade tem como principal símbolo uma bandeira colorida, com as cores do arco-íris. Ainda que a novidade do cenário não seja da cor contemplada na bandeira, o colorido que o novo cenário destaca faz alusão a essas cores de maneira discreta, contrastando com a aparente neutralidade que o representava. Essa discrição pode ser interpretada, também, como um afastamento visual que chame a atenção de imediato para o tema, mas que seja construído ao longo do processo – construção essa que o cenário também faz alusão. Os coloridos, portanto, podem ter relação com a cultura *queer* no sentido de quebra de expectativa e das normas anteriormente firmadas. Assim, o cenário se expande e libera a interpretação fechada que a heterossexualidade carrega e é representada nos discursos orais e nos gestos expansivos presentes nesse vídeo.

Relacionando ao tema do vídeo e da série, focado na construção do homem negro perpassado por sua sexualidade, acrescentar cores aos tons terrosos que buscassem neutralizar o tema abre para a interpretação para a importância de se destacar essa peculiaridade na formação subjetiva do indivíduo, compreendendo-o de maneira completa e complementar. Além de continuar com os traços da masculinidade negra considerada básica, representada, aqui, pelo cenário em tons terrosos e sóbrios, a cor agrega espontaneidade e leveza para sua subjetividade e o processo de autoentendimento como homem negro.

É importante refletir, também, sobre o objeto que é utilizado para compor esse cenário, que faz alusão a um telhado de metal de construção. As masculinidades ali retratadas e debatidas são frutos de um processo subjetivo, mas também coletivo. Caminho esse que pode ser árduo, mas que representa a solidez de sua construção para se ter a base firme que se cubra de elementos fortes para que o conteúdo interno não se dissolva nem desmanche.

Tal como o telhado de metal, comum em construções de ambientes coletivizados, como galpões e grandes terrenos, majoritariamente ocupados por homens negros, o objeto

que compõe o cenário em suas extremidades laterais pode contribuir para a ideia de que todos os participantes ali presentes estão inseridos nesse mesmo local sob a estrutura forte comum. Considerar a coletividade como base e cobertura, na analogia com a construção do que se é, firma-se como fundamental relação com a construção das masculinidades ali representadas e o caráter ativista social e em comunidade ao qual o grupo se insere enquanto formação identitária.

A cor que a singulariza faz referência ao detalhe que os diferencia das outras masculinidades negras, à margem (na lateral) do que se espera enquanto padronização da masculinidade negra sóbria e sombria representada pelos tons terrosos do centro. Assim, a construção ao qual o cenário faz referência, é pautado na masculinidade negra com especial atenção à sexualidade como elemento novo, porém fundamental na constituição do que se forma e se representa.

A formação do cenário com os elementos cênicos dá uma sensação de aconchego, pela disposição dos objetos e o preenchimento do espaço pelos participantes, que ocupam todo o cenário central. As cores representativas ao movimento negro e as mais vivas que dialogam com a temática da orientação e diversidade sexual indicam força e acolhimento.

3.2 Vozes e representação das masculinidades contra-hegemônicas

O vídeo conta com a presença de muitos participantes em um debate que visa ouvir e contar com a participação de todos eles. Isso faz com que a conversa flua de forma natural e espontânea, ainda que de maneira formal no início. A diferença pode ser percebida pelas interrupções nas falas e na progressão do uso de gírias, comentários entre as falas, risadas e outras marcas da oralidade espontânea que constituem um diálogo rotineiro. Essa característica mais fluida do bate-papo acarreta algumas sobreposições de falas, o que acaba culminando em alterações no tom de voz para se fazerem ser ouvidos e participarem da conversa naquele momento.

A principal alternativa observada nesse elemento multimodal é o timbre como uma representação contra-hegemônica da masculinidade negra, na contramão da virilidade, poder e força que se espera de um homem negro, desde a infância, corporificada, também, no modo de se expressar verbalmente (Bola, 2021). Na sociedade patriarcal de construção de masculinidade hegemônica que sobrepõe a força masculina em detrimento à sensibilidade e fragilidade que ela considera como características

femininas, essas, muitas vezes, mostram-se personificadas no timbre de voz enquanto sua característica fragilizada (Bola, 2021). Elemento que não guarda qualquer relação lógica de representação de força, embora se tenha convencionado dessa forma. Assim, os timbres e os tons de voz mais finos se aproximam dessa representação preconceituosa de expressão da masculinidade hegemônica e do que se espera a partir dela, principalmente se traduzindo em força e virilidade retratadas como principais características do homem negro.

As diferenças no tom de voz de acordo com o assunto e o número de pessoas que participam daquele momento enunciativo também se relacionam com a pluralidade de possibilidades que os homens negros carregam e que estão ali representadas. A principal variação no tom de voz se dá quando se tenta se desvencilhar da representação que é imposta a homens negros, pela sua virilidade e potência sexual. A voz mais impositiva denota a reprodução da fala de terceiros, a fim de demarcar quando se trata do outro em um afastamento do que se é. A voz mais natural, fina ou mais próxima do que se considera como feminino, principalmente no tom informal de brincadeira, por vezes é acompanhada do relato de relações sexuais, o que pode corroborar com o estereótipo dessas representações.

Ao relatar tais impressões, os participantes também estereotipam suas representações, ao engrossar a voz, distanciando-se de quem são por demonstrar que se trata de outras vozes que buscam os retratar. Em contrapartida, quando abordam sobre as próprias preferências e identidades a partir do que são e gostam nas relações sexuais, reafirmam o estereótipo mais feminilizado, com a voz fina e gestos mais soltos que aproximam do que se retrata em relação ao feminino. Dessa forma, percebemos que apesar de procurar se afastar dessas representações hegemônicas e estereotipadas, os participantes ainda reproduzem o discurso normativo de simbolizar relações de gênero a partir das características multimodais aliadas ao papel que exercem também no sexo. Simbolicamente, continuam a perpetuar a heteronormatividade que visam combater, tanto discursivamente quanto pauta ativista.

Assim, a pluralidade também se firma como uma metodologia de ação para análise, uma vez que é a partir dela que podemos perceber as diferenças entre os integrantes de uma mesma comunidade ao mesmo tempo em que se colocam como parceiros e apoiadores. Ademais, o reforço de cada identidade, a partir de sua vivência

única, fortalece o valor de se identificar e respeitar a construção individual em prol de uma causa comum.

Dessa forma, a partir das variações do tom de voz e do timbre característico individualmente, as representações de masculinidades contra-hegemônicas são construídas e difundidas, firmando-se não somente como forma de expressão e objeto de análise, como também elemento fundador que constitui a construção subjetiva de cada sujeito parte da comunidade em questão.

3.3 Cores, roupas e a busca da representação e ancestralidades negras

As cores dos elementos cênicos e do cenário, como levantamos anteriormente, exercem importante papel de pluralidade da representação das masculinidades, principalmente relacionadas ao tema de sexualidade. Além dessas cores, outras que estão nas roupas dos convidados também são importantes para nossa análise.

Dois pontos principais em relação às roupas nos chamam atenção: a blusa utilizada por Murilo e a usada pelo participante mais à direita do vídeo, em destaque por estar sentado em um banco alto. Murilo usa uma blusa preta escrito “#Imgay” colorido (figura 3), já sinalizando, pelo próprio vestuário, sua orientação sexual e a relação com o ambiente online, representado pelo uso de hashtag, muito comum nesses espaços digitais. Representar, já pela roupa do participante central do vídeo, a orientação sexual é um importante demarcador em relação ao tema e o que o espectador pode esperar do vídeo.

Figura 3: Roupas de Murilo apontam sua sexualidade



Fonte: Reprodução YouTube

O outro participante está com uma blusa branca com uma faixa colorida das cores do arco-íris, que simbolizam o movimento LGBT, com a palavra “missing”, ou seja, ausente (figura 4). Importante ressaltar, também, que quando se dá o foco a esse participante, destacando a vestimenta e sua participação, ele está com uma feição séria, sisuda, sem sorrir. Considerando o sorriso enquanto um elemento de leveza, afeto e conexão, além de concordância, representar a ausência com a seriedade ou a ausência de significantes de felicidade é uma forma de representar o que a invisibilização midiática pode repercutir e o que essas masculinidades ali presentes podem representar.

Essa invisibilização também é pauta do debate empreendido no vídeo, não do ambiente online ou da plataforma do *YouTube* em si, mas como os próprios participantes silenciavam ou escondiam sua orientação sexual ou como ela é silenciada no debate de masculinidades negras. Esses dois pontos de atenção nos guiam na construção da identidade gay e bissexual e a importância de se demarcar visualmente sobre o que se trata o produto audiovisual, como marca identitária.

Figura 4: Blusa de participante indica ausência do movimento LGBT



Fonte: Reprodução YouTube

Para além desses dois pontos de atenção, a marca racial também é importante foco de análise do vídeo. Ainda que com cores discretas, outros elementos visuais e característicos dos próprios participantes funcionam como exemplo ilustrativo sobre a masculinidade negra, principalmente os cabelos.

A diversidade de cabelos crespos e cacheados, com diferentes penteados, é o que se destaca no vídeo quando se aborda a questão racial. *Black Powers*, trança, *dreads* e cabelos cacheados volumosos são marcas do vídeo que demarcam a relevância de usar o cabelo como uma forte marca da identidade negra a partir do primeiro contato visual. Ressalta-se, aqui, o papel importante que o cabelo crespo e cacheado representa para o movimento negro, enquanto símbolo de resistência e empoderamento.

A edição de imagem corrobora para essa valorização. Ao final do vídeo, enquanto Murilo fala da importância de se debater questões raciais na comunidade LGBT, a câmera faz uma espécie de giro no ambiente, com foco em cada participante do vídeo, em especial nos cabelos e outros traços marcantes de cada um enquanto reconhecimento da negritude. Esse apontamento presente no final do vídeo revela mais relações com o tema, indicando

sua pluralidade e relevância, do que, necessariamente, a forma como se vestem, como se observa em outros produtos audiovisuais.

3.4 Postura, gestos e a imposição de sensibilidade de masculinidades negras

O frame inicial do vídeo, que o representa enquanto imagem estática, apresenta uma espécie de sinopse acerca dos gestos e posturas presentes no vídeo e como sua diversidade aponta para a construção da narrativa. Na foto (Figura 2), podemos ver, à frente e ao centro da imagem, um rapaz com as mãos em contato simulando uma pose de oração. Ainda que não seja um ponto de debate deste vídeo especificamente, a imagem angelical que faz referência à religião guarda relações subentendidas entre a homossexualidade e a bissexualidade e o que a Igreja, enquanto instituição independente da religião específica, considera como pecado. Ademais, o quanto essas pessoas ali presentes e representadas podem exercer o papel simbólico da pureza como outras que, hegemonicamente, ilustram essa imagem.

Outro ponto importante de se destacar enquanto elemento de análise multimodal presente em todo o vídeo é a proxêmica, a distância entre os participantes. Aglomerados, eles estão muito próximos uns dos outros, por vezes abraçados ou com toque de carinho representado pela mão na perna da pessoa ao lado ou outra demonstração de afeto. Em alguns momentos, essa proximidade se aflora e é manifestada em abraços de acolhimento e apoio entre os participantes (Figura 5).

Figura 5: Participantes se abraçam em sinal de apoio e afeto



Fonte: Reprodução *YouTube*

Importante ressaltar que os abraços e outros momentos de troca de carinho e afetividade, quando se tratam de maneira geral envolvendo mais de dois participantes, são em direção única e centralizante, orientando nosso olhar ao meio do ambiente visual, culminando no destaque a Murilo. Além dessa centralização imagética, a imagem também sugere espécie de coroação do que se disse, uma vez que é em seguida a alguma fala conclusiva ou de efeito proferida pelo proprietário do canal. Além, óbvio, de se dar o foco para o anfitrião, é interessante estabelecer a relação de centralidade de afeto quando ele é unido: há uma busca por uma referência, que sirva de âncora ou base para todas as masculinidades negras baseadas na sexualidade que o cercam.

Os gestos interacionais e efusivos são os mais representativos nesse vídeo. Essa interação é significativa, na medida em que vai na contramão do estereótipo de homem negro no sentido de virilidade, dureza e não demonstração de sentimentos. Já nos gestos efusivos, como de comemoração ou de alegria extrema, denotam, principalmente, a liberdade pela qual lutam e da qual se orgulham. Sentir-se livre e à vontade para fazer esses gestos expansivos e exagerar nos sentimentos e sensações que os atravessam são aspectos que os colocam em comunidade e união. Todas essas discussões e reflexões estão presentes não só no discurso verbal, mas na multimodalidade que ultrapassa a

linguagem visual, mas considera sua relação com espaço, entre os envolvidos no debate e as escolhas de edição do que se mostra.

A partir das características lingüísticas multimodais e de masculinidades aqui apresentadas, percebemos que os vídeos aqui mostrados contribuem para a formação do **conhecimento** acerca do tema, de modo amplo e subjetivo, a partir da co-construção do que se debate. Conhecimento esse que se baseia nas **informações** ali apresentadas a partir de cada experiência pessoal. Tais relatos nos indicam frentes de informação para a construção da pluralidade da realidade.

Fazer vídeos é, também, marcar **presença** não só no ambiente digital que busca ocupar, mas também no tema do debate ali empreendido. Mostrar-se é mais do que levantar a discussão pretendida; é, também, se colocar como parte da problemática e não fugir das responsabilidades imputadas a essas pessoas. A partir dessa presença digital e social, criam, então, mecanismos de **defesa**, tanto midiática quanto social. Midiática pois pode usar os produtos audiovisuais como argumentação de defesa do idealismo que acredita e prega. Social, uma vez que os vídeos incentivam o debate e a mudança social a partir da interação presente tanto no vídeo quanto nos assuntos ali atravessados. Os discursos verbais e não-verbais, portanto, servem como âncora para as masculinidades que visam representar e reverberar.

Por fim, todas essas representações simbolizam a **resistência** que se é debater e repensar as masculinidades negras em uma sociedade pautada pela branquitude que sofre as consequências do imperialismo da masculinidade hegemônica. Assim, a própria produção do vídeo se firma como resistência midiática, na medida em que foge da padronização da representação das masculinidades negras, e na resistência linguística, uma vez que quebra o paradigma imposto socialmente criado pelas masculinidades brancas.

Considerações finais

Com este trabalho, esperamos contribuir com novas perspectivas metodológicas que considerem não só aspectos teóricos que amparam a metodologia considerada clássica, mas que também levem em considerações aspectos sociais como caminho de análise dos objetos de estudo. Mais do que tema de pesquisa, discussões como as

masculinidades podem guiar metodologicamente um estudo para que ele seja mais aplicado, prático e plural.

Como sugestões de outras análises a serem empreendidas a partir da proposta metodológica aqui desenhada, indicamos a aplicação em outros produtos audiovisuais focadas em narrativas negras. Por exemplo, filmes cuja centralidade é em masculinidades negras e como elas são trabalhadas nesse contexto.

No âmbito nacional, sugere-se a aplicação em filmes, como *Ó Paí Ó*, *Madame Satã* e *Marte Um*, por exemplo. Essas obras mostram a intersecção entre raça e classe social, o que suscita novas interpretações e possibilidades de análise multimodal com a expressão e produção de sentido de suas respectivas masculinidades. Outra possibilidade de produto audiovisual é série ficcional, como, em âmbito internacional, *This Is Us*, em que se reflete a construção da masculinidade do personagem Randall, a partir de sua raça em uma casa de brancos. Nesse cenário, a masculinidade negra é projetada a partir da força em oposição ao que a branquitude familiar vive, o que pode gerar discussões e reflexões acerca das expressões dessas masculinidades por meio dos variados modos de linguagens.

A partir da análise aqui sugerida, podemos perceber a naturalidade com que os modos se conectam e interligam, o que possibilita maior proximidade com a realidade na qual os participantes vivem, considerando o que os formam enquanto homens negros e as experiências por eles sentidas como gays e bissexuais, como observado no segundo vídeo aqui descrito. A relação de afeto e pertencimento só é possível interpretar a partir da interconexão entre o gesto de proximidade, as falas que se cruzam e provocam a identificação, a proximidade entre eles e o que visam representar a partir do que vestem e de como se comportam entre os seus e na frente das câmeras, principalmente em momentos de maior naturalidade e espontaneidade.

Produzir um conteúdo discursivo complexo, que busca representar outros tipos de masculinidades, já é uma forma de se portar como resistência social e midiática. Essa característica é, então, potencializada pelas masculinidades negras diversas que os produtores desses conteúdos visam representar e viver, a partir das múltiplas possibilidades que a multimodalidade indica. Com essa base analítica, firmamos uma possibilidade metodológica que considera a triangulação do enredo de multimodalidade,

ocupação de espaços e masculinidades, que amparam e se firmam como práticas midiativistas e percurso metodológico possível de materiais complexos.

Referências

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

CÂMARA, Marco Túlio. O poder da voz no ciberespaço: o impacto político-social do projeto Creators for Change. **Revista Brasileira de Humanidades Digitais**, v. 1, p. 17-35, 2021.

CÂMARA, Marco Túlio. **"Ouçam as bichas pretas"**: a multimodalidade na construção de masculinidades pretas e as produções de sentidos midiativistas em vídeos no "YouTube". Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2023.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez.1995.

IEDEMA, Rick. 2001. Analysing Film and Television: A Social Semiotic Account of 'Hospital: An Unhealthy Business'. In VAN LEEUWEN; JEWITT (orgs), **The Handbook of Visual Analysis**, 1 edition. Los Angeles, Calif.: SagePublicationsLtd.

MACHIN, David; VAN LEEUWEN, Theo. Multimodality, politics and ideology. **Journal of Language and Politics** 15 (3): 243–258, 2016.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing Multimodal Interaction: A Methodological Framework**. Londo/New York: Routledge, 2004.

VAN LEEUWEN, Theo. Parametric Systems: The Case of Voice Quality. In: JEWITT, Carey (org.) **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**, 2 edition. London New York: Routledge, 2016, p. 76–86.